

Mais de um terço da floresta amazônica sofre com degradação causada por humanos, aponta estudo

Embargado: matérias jornalísticas só podem ser divulgadas a partir de 26 de janeiro de 2023, 16h00 horário de Brasília.

Highlights:

- Além de efeitos sobre clima, degradação pode ter grandes impactos socioeconômicos
- Em projeção para 2050, fatores de degradação, como fogo e extração ilegal de madeira, continuarão entre as principais fontes de emissão de carbono
- Uma das soluções pode ser a criação de um sistema de monitoramento integrado para a degradação da floresta

O processo de degradação da Amazônia é bem maior do que os cientistas acreditavam ser, segundo um estudo publicado nesta sexta-feira (27 de janeiro de 2023) na revista "Science" e assinado por 35 autores de instituições nacionais e internacionais, como Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Pesquisas Ambientais da Amazônia (IPAM), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e Universidade de Lancaster no Reino Unido. O artigo aponta que cerca de 38% do que resta da área de floresta sofre com algum tipo de degradação, o que provoca tanto ou mais emissões de carbono quanto o desmatamento. O trabalho é fruto do projeto AIMES (Analysis, Integration and Modelling of the Earth System), ligado à iniciativa internacional Future Earth, que reúne cientistas e pesquisadores que estudam a sustentabilidade.

As conclusões resultam de uma revisão analítica de dados científicos baseados em imagens de satélite e dados do chão já publicados anteriormente sobre mudanças na região amazônica entre 2001 e 2018. Os autores definem o conceito de degradação como sendo mudanças transitórias ou de longo prazo nas condições da floresta causadas por humanos. A degradação difere do desmatamento na medida em que este envolve mudanças na cobertura do solo - ou seja, no desmatamento, a floresta deixa de ser floresta.

Foram considerados quatro fatores principais de degradação: fogo na floresta, efeito de borda (as mudanças que acontecem em áreas de floresta ao lado das áreas desmatadas), extração seletiva (como desmatamento ilegal) e secas extremas. Diferentes áreas de florestas podem ser atingidas por um ou mais desses fatores, que têm diferentes origens. "Apesar da incerteza sobre o efeito total desses distúrbios, está claro que o efeito total pode ser tão importante como o efeito de desmatamento para emissões de carbono e a perda de biodiversidade", diz Jos Barlow, pesquisador da Universidade de Lancaster, na Inglaterra, e coautor do estudo.

Além dos efeitos sobre o clima e das perdas de biodiversidade, os cientistas avaliam que a degradação da Amazônia tem impactos socioeconômicos significativos que devem ser investigados de forma mais profunda futuramente. "A degradação favorece poucos, mas leva fardos a muitos", afirma David Lapola, pesquisador do CEPAGRI (Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura), da Unicamp e líder do estudo. "Poucas pessoas lucram com esse processo e muitas perdem em questões de saúde, de qualidade de vida, de se identificar com o lugar onde vivem", completa Patricia Pinho,

pesquisadora do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) e coautora do estudo.

Em uma projeção feita pela equipe para 2050, os quatro fatores de degradação continuarão sendo as principais fontes de emissão de carbono na atmosfera, independentemente do crescimento ou cessão do desmatamento da floresta. “Apesar de parecer óbvio, mesmo em um cenário otimista, quando não existe mais desmatamento, a degradação continua sendo fator de emissão de carbono, principalmente pelas mudanças climáticas”, diz Lapola. Para o cientista, impedir o avanço do desmatamento pode contribuir para que mais atenção seja direcionada a outros fatores de degradação da floresta.

Os autores do artigo propõem a criação de um sistema de monitoramento para a degradação, além de prevenção e coibição do corte ilegal de madeira e controle do uso do fogo. Uma das sugestões é o conceito de “smart forests” que, assim como na ideia de “smart cities” (cidades inteligentes), usaria diferentes tipos de tecnologias e de sensores para coletar dados úteis a fim de melhorar a qualidade do ambiente. “Ações e políticas públicas e privadas para coibir desmatamento não necessariamente vão resolver degradação também”, avalia Lapola. “É preciso apostar em estratégias inovadoras”, completa.

Fontes:

David M. Lapola
dmlapola@unicamp.br
+55 19 99879-6100

Jos Barlow
josbarlow@gmail.com
+44 7428 518415

Patricia Pinho
pinhopati@gmail.com
+55 11 94272-6826

Link para o estudo (somente disponível a partir de 27.Jan.2023) “The drivers and impacts of Amazon forest degradation” de David M. Lapola e colaboradores:

<https://doi.org/10.1126/science.abp8622>

Link de imagem da Agência Brasil:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/sites/default/files/atoms/image/1020803-dsc--9.jpg>

Crédito: Marcelo Camargo / Agência Brasil

Outros materiais audiovisuais:

<https://drive.google.com/drive/folders/1DKdcOFexaVltDAc4Cr1P6oPeGnQ0ejRS?usp=sharing>

